

VAN DIJK, T. A. DISCURSO E CONTEXTO: UMA A BORDAGEM SOCIOCOGNITIVA. TRAD. R. ILARI. SÃO PAULO: CONTEXTO, 330 PÁGINAS, 2012.

Resenhado por Rodrigo Albuquerque¹
(Universidade de Brasília – UnB)

Embora muito utilizado arbitrariamente no meio acadêmico, o termo contexto possui características bastante peculiares, o que justifica a ampla pesquisa de Van Dijk (2012), compilada em 330 páginas de “Discurso e Contexto”, divididas em quatro momentos. Logo no **prefácio**, há uma série de explanações sobre o tema, esmiuçadas ao longo de toda a obra. No entanto, fica bastante evidente que pretende desenvolver uma teoria de contexto baseada na seleção de aspectos que se tornam relevantes² para os interagentes no plano da fala e do texto, criticando propostas essencialistas e generalizações equivocadas. Inicialmente o autor propõe uma teoria de contexto própria, baseado nos trabalhos em ciências humanas que se valeram do termo durante muitos anos. A partir daí, estabelece relação com outros estudos, dissertando a respeito de três díades, a saber: contexto e linguagem; contexto e cognição; contexto e discurso.

Imbuído do pensamento de que não há condições de compreender fenômenos complexos sem antes compreender o contexto, o **primeiro capítulo**, “Rumo a uma teoria de contexto”, envereda por um panorama da temática em questão nos estudos humanísticos. Comenta o autor que áreas como Literatura, Semiótica e Artes; Linguística; Estudos do Discurso; Análise de Discurso Crítica; Sociologia; Etnografia e Antropologia; Psicologia; Ciências da Computação e Inteligência Artificial percebem o contexto ora com raízes ainda muito assentadas no estruturalismo, ora sem teorização própria e/ou adequada. Destaca, porém, que, entre as décadas de

1. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Professor Adjunto da Faculdade FAJESU e da Faculdade JK.

2. Vide Hanks (2008), no tópico “Cenários relevantes”.

60 e 80, houve uma expansão gradativa (fundada no *continuum*)³ da perspectiva linear e formal para visão mais sensível, englobando aspectos de fatos contextuais (sociais). Na sequência desse capítulo, propõe uma teoria de contexto com nova roupagem, assumindo um desenho justo, contemporâneo e mais próximo do que se percebe nas interações face a face.

Assim, o contexto é (1) construto subjetivo dos participantes, embora apresente componente objetivo; (2) fruto de experiências únicas, originando discursos únicos; (3) modelo mental que atua no controle da produção e da compreensão do texto e do discurso; (4) modelo(s) mental(is), baseado(s) na(s) experiência(s) interacional(is); (5) esquemático, apresentando categorias compartilhadas e convencionadas; (6) capaz de controlar a produção e a compreensão do discurso; (7) formado, ao mesmo tempo, por características pessoais (subjetivas) e sociais (partilha com o grupo); (8) atualizado e adaptado constantemente, isto é, dinâmico; (9) amplamente planejado, não parte do 'zero' por haver lembranças acumuladas de eventos comunicativos prévios; (10) imerso em aspectos pragmáticos, pois permite que os usuários adaptem o seu discurso; (11) considerado 'não-texto', sendo em geral sinalizado, indiciado, mas não percebido de maneira direta⁴; (12) relacionado à relevância pessoal e à interacional por meio das interpretações realizadas pelos interlocutores; (13) inserido em interações situadas (microcontextos) e em situações históricas ou sociais totalizadoras (macrocontextos); (14) egocêntrico, centrado nos pronomes ideológicos 'nós' x 'eles'; (15) referência (na perspectiva semântica) e adequação à situação comunicativa (na perspectiva pragmática); (16) culturalmente variável. Ao final da seção, aproveitando o termo empregado pelo autor na contextualização do que seja contexto, torna-se *relevante* a seguinte visão: o contexto deixa de ser uma situação e constitui modelo mental específico que

3. Termo empregado por Marcuschi (2008, p.34) - ao definir a perspectiva sociointeracionista - na relação fala/escrita, bem como por Tannen (1982).

4. O que evoca as denominadas 'pistas de contextualização', sugeridas por Gumperz (1982, p.162).

está sujeito à interpretação subjetiva feita pelos participantes da situação social na qual estão inseridos.

No **segundo capítulo**, intitulado “Contexto e Linguagem”, van Dijk menciona a importância da Linguística Sistemática Funcional (LSF) para o início dos estudos de contexto, embora considere que alguns pensamentos da área tenham apresentado visão restrita sobre ele, com o excesso de gramática da sentença, uso de termos arbitrários, incompletos e pensamento antimentalista. Não obstante, lembra que três precursores da LSF dedicaram-se ao estudo do contexto. Malinowski privilegiou aspectos semânticos, descartando os modelos mentais e a pragmática do contexto. Já Firth, seu discípulo, evoluiu um pouco nas questões pragmáticas, mas seria radicalmente antimentalista, crendo na incompatibilidade entre teoria e eventos não-observáveis. Em consonância com esses dois teóricos, destaca o nome de Halliday e sugere que este se limita ao estudo da gramática funcional, excluindo perspectivas socioantropológicas e psicolinguísticas. O ‘contexto de situação’ é considerado parte integrante do ‘contexto de cultura’, que se apresenta como sistema mais geral. Falta mais explicitude no que diz respeito à relação existente entre os dois contextos, isto é, como o primeiro (nível microscópico) se articula com o segundo (nível macroscópico). Além disso, para van Dijk, o contexto de situação apresenta uma tríade formada por categorias arbitrárias e com conceitos confusos, a saber: (1) *campo* (engloba ambiente, não diferenciando o espaço-temporal do institucional, e assunto— categorias bastante distintas); (2) *encaminhamento* (menciona a relação entre os participantes sem, no entanto, mencioná-los) e (3) modo (aspecto vago ao mesclar conceitos como o meio e o papel da língua).

Cabe, aqui, ressaltar que o tradutor (Ilari) optou, ao longo do texto, pelo uso de ‘encaminhamentos’ e ‘rumos’ no segundo elemento da tríade, denominado *tenor*. Essa categoria envolve a relação entre participantes, sendo mais compatível com a terminologia da área o emprego do equivalente ‘relação’ na tradução de tal termo.⁵

Comenta van Dijk que há resquício estruturalista forte

5. Para acesso à Lista de Termos da GSF na nossa língua, vide gsemporugues@egroup.com

relacionado às funções da língua, representadas por suas funções textual (sintática), ideacional (semântica) e interpessoal (pragmática), deixando negligenciadas outras funções relevantes, tais como as culturais, as sociais, as avaliativas, as ideológicas e as emocionais. Mas menciona nomes de sucessores da LSF, tais como Helen Leckie-Tarry, Gregory e Wegener que inserem progressivamente a interface cognitiva, percebendo a necessidade de extrapolar o ‘aqui e o agora’, no uso de memória prévia. Informa que Wegener aborda, inclusive, as situações de recordação (ações e eventos anteriores presentes na memória episódica) e de consciência (conhecimento compartilhado recuperado na memória social). O autor emprega termo bastante forte ao caracterizar a LSF como agnóstica, mas reconhece que estudos acerca do contexto não seriam possíveis sem os caminhos traçados pela área.

O **terceiro capítulo** recebe o título “Contexto e Cognição” e trata de modelos de contextos baseados na experiência diária, acionada na memória episódica dos interlocutores durante o processo interacional de produção e de compreensão de textos.

Sobre os modelos mentais, o autor afirma que são (1) importantes para a coerência no discurso; (2) únicos, pessoais e subjetivos, mas com restrições objetivas; (3) capazes de exprimir opiniões e emoções; (4) capazes de integrar a memória episódica (individual) e a memória social (coletiva); (5) construídos de modo a compor um esquema, organizado por categorias fixas; (6) providos de intenção e de objetivo (propósito); (7) interligados à criação de uma rotina (estrutura esquemática mais ou menos fixa); (8) agentes formadores da identidade, na construção do ‘eu-mesmo’ e do ‘ele mesmo’.

Ao longo do capítulo, há uma proposta esquemática de contexto e de categorias relevantes em sua composição, a saber: o ambiente; os participantes; o ‘eu mesmo’ (com diversas subcategorias) e as ações e os eventos comunicativos.

Em “Contexto e Discurso”, **quarto capítulo**, há o combate ao uso apenas de conhecimentos generalizados sobre grupos, pois uma pessoa específica possui modo subjetivo de compreender e de construir fatos sociais, além de pertencer a várias comunidades de práticas. Embora sugira não realizar generalizações, o autor as utiliza

ao longo da obra, mas com bastante cautela. Variação, estilo e registro são definidos nessa seção. Variação é definida pela escolha que o usuário faz para adaptar seus enunciados à situação social. Já estilo compreende uma opção selecionada mais ou menos conscientemente quando se opta por usar algum recurso linguístico ou não-linguístico, controlado pelo contexto. E registro diz respeito aos traços gramaticais utilizados para determinada finalidade específica.

Uma análise para além dos campos sintáticos e lexicais permeia as categorias “sons” e “mecanismos visuais”, que são consideradas estratégias interacionais, tendo o interlocutor controle desses recursos linguísticos. Já o significado do discurso pode carregar noções de sinonímia, agentividade, tempo, modalidade e grau de precisão que tendem a beneficiar o ‘eu mesmo’ e a acusar o ‘ele mesmo’.

Entre várias **conclusões** do autor, deve-se destacar que a perspectiva de o contexto ser construído por meio de modelos mentais subjetivos evita o determinismo e consegue explicar as diferenças entre falantes. Dessa forma, é difícil encontrar explicação para os múltiplos contextos apenas em influências sociais estáveis no discurso. É necessário abandonar essa visão apoiada nos modelos estruturalistas e formalistas que desconsideram os entornos sociais e culturais, reduzindo contexto às explicações limitadas, monocausais e não mediadas.

Referências

- GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.
- MARCUSCHI, L. M. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- TANNEN, D. The oral/literate *continuum in discourse*. In: D.Tannen (ed.) *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Cambridge: C. University Press, p. 124-147, 1982b.